

CAHIER DE VOYAGE: DESCOBRINDO FRICHES E PROJETOS CULTURAIS NA FRANÇA

■ Marcia Ferran

Com a oportunidade aberta pelo Ministério da Cultura e da Comunicação Francês¹, e no contexto de minha pesquisa sobre políticas culturais urbanas na França, tive a chance de visitar, entre novembro e dezembro de 2001, espaços “alternativos” que, longe dos percursos turísticos conhecidos,

abrigam projetos artísticos e culturais, muitas vezes atuando como importante elemento de desenvolvimento urbano em áreas com sérios problemas sociais. Em grupo ou sozinha, descobri *friches industrielles* na periferia de Paris, no norte e no sul da França que, de escalas e investimentos os mais variados, revelaram-me um panorama de multiplicidade de iniciativas artísticas e uma ação pública atenta à emergência de necessidades de espaços à margem dos suntuosos teatros, museus e óperas franceses.

Entrego a seguir breves impressões de alguns espaços conhecidos no roteiro.

19 E 20 DE NOVEMBRO: *Mains d'Oeuvres* em Saint Ouen, subúrbio imediato de Paris.

Após algumas conexões “subterrâneas”, eu e o grupo interessado nos “*nouveaux espaces pour nouvelles pratiques culturelles*” descemos na estação de metrô Porte de Saint Ouen, para conhecer o espaço chamado *Mains d'Oeuvres*. A dois minutos da famosa área de antiquários e brechós, as “*puces*” da Porte de Clignancourt ao norte de Paris, encontramos uma paisagem drasticamente diferente de Paris intramuros. Fisionomias e vestimentas coloridas circulando ou conversando nas calçadas e esquinas, assim como uma diversidade de pequeno comércio vietnamita, chinês, árabe, português entre outros, indicam uma área especialmente multicultural. Chegamos ao pequeno prédio de esquina



Mains d'Oeuvres em Saint Ouen

■ Arquiteta e urbanista, Doutoranda na Universidade de Paris 1
marciaferran@club-internet.br

de linhas curvas, acompanhando a esquina em que se localiza a antiga sede social e esportiva da usina Ferodo-Valeo, que se retirou do lugar em 1991.

A partir da associação *Mains d'Oeuvres*, criada em 1998, um grupo de artistas e produtores culturais conseguiu um contrato de utilização do edifício, arcando com as contas de “fluidos” (luz, gás, etc). Inaugurado em janeiro de 2001, o projeto contou com o apoio do serviço cultural da prefeitura, que viu, na proposta cultural e na experiência anterior dos produtores envolvidos, uma complementação da sua política cultural. Para garanti-lo, comprou o prédio e financia sua manutenção física (operação corriqueira na história de *friches* francesas bem sucedidas).

No salão-restaurant de recepção, coberto de tapetes orientais e cartazes de espetáculos, um clima bem aconchegante impressiona e é por um pequena porta que temos acesso à área realmente “produtiva” do lugar. Três eixos principais são desenvolvidos em *Mains d'Oeuvres*: ateliês para artistas em projeto de residência, com acompanhamento técnico e ênfase na transdisciplinaridade; produção e difusão de projetos localmente ou através de redes de cooperação; e, enfim, diálogo com associações. Assim, encontramos, no nosso passeio um tanto labiríntico, um grupo de dança, um videasta em residência, um artista plástico, escritórios de duas revistas de arte, representação da organização internacional TEH - Trans *EuropeHalles* e da produtora *Usines Ephémères* (especializada em viabilizar projetos artísticos em espaços como hospitais desativados, fábricas, por períodos limitados), além de músicos que alugam os estúdios.

Com um grande dinamismo e um conceito baseado numa programação não centralizada, mas vinda a partir de cada artista, *Mains d'Oeuvres* conta com um alcance para além do local, principalmente pela presença da representação da organização TEH que, desde 1983, articula uma rede de cooperação entre espaços semelhantes na Europa e recentemente vem estendendo seu interesse para América Latina e África. Na verdade, uma das coordenadoras de *Mains d'Oeuvres* foi uma das primeiras diretoras da TEH.

O corpo do edifício se divide em quatro níveis: subsolo de 100 m² dedicados à música, com 20 estúdios; térreo de 700 m² destinados à recepção com *cyber-café*, sala de exposição, espaço de concerto, sala de formação multimídia e sala de dança; primeiro andar com 1050 m², compreendendo a grande quadra de esporte, uma “incubadora” de empresas, 2 salas para associações, centro de pesquisa de uma associação e 4 ateliês de artistas plásticos; o segundo andar de 450 m² abriga um auditório de 100 lugares e os escritórios da equipe central

e das estruturas associadas; um hangar de 600 m² destinase ainda a 7 ateliês de arte.

21 DE NOVEMBRO: La Malterie, Lille, norte da França.

Após uma manhã no centro de Lille, ciceroneada por uma funcionária da prefeitura e ainda impressionada pelo aspecto *village* inesperado dessa cidade, tão promovida pelo projeto Euralille da “marca” Rem Koolhaas, vi-me a sós, na tarefa de conhecer aquele que seria o espaço talvez mais “marginal” da série de visitas.

Ainda que apenas a quatro estações do metrô a partir de Lille - Place de la République, descubro uma paisagem já bem marcada por chaminés, depósitos, galpões e um casario de *briques* marrons, que testemunham a vida operária de tempos nem tão distantes assim. É justamente num exemplo de pequena instalação fabril, uma antiga cervejaria, que encontro *La Malterie*. Guardando no nome sua memória, o espaço agora abriga estúdios de música no primeiro andar e, no semi-subsolo, um pequeno salão para shows, com capacidade para 60 pessoas. Funcionando clandestinamente com orçamento insuficiente, foi somente após algumas interdições pela polícia que os novos “locatários” conseguiram chegar a um acordo para adaptação às normas de segurança de um total de 500 metros quadrados em dois andares. Essas obras serão financiadas através de diferentes organismos.

Durante minha conversa com o organizador do espaço, testemunhei o frio que persiste no antigo semi-subsolo, de pé-direito baixo, com vigas de madeira que, à noite, abriga os shows. Com condições bastante severas que impedem as “residências de artistas”, comuns em outras *friches*, o espaço privilegia espetáculos e algumas exposições de artes plásticas, a fim de garantir uma receita de bilheteria, já que os financiamentos dirigem-se especificamente para as melhorias físicas do imóvel. Dificuldades à parte, o espaço consegue atrair artistas que frequentam palcos de Paris e organiza várias festas, mantendo o espírito inaugurado por uma extinta *friche* vizinha, chamada “49 ter”, que havia fechado as portas em 1999 por falta de orçamento para cumprir com as exigências técnicas de segurança.

No dia seguinte, voltei à *Malterie*, para assistir ao show de uma cantora inglesa de origem indiana e pude constatar a grande lotação do subsolo, apesar da calefação incipiente.

22 DE NOVEMBRO: La Condition Publique, Roubaix, subúrbio de Lille

A quinze quilômetros do centro de Lille, chego a Roubaix, cidade vizinha e terceiro pólo industrial, que configurou, com Lille e Tourcoing, a região metropolitana na segunda metade do século XIX, ligando-a à Bélgica. Vítima da crise generalizada da indústria na década de 1960, Roubaix possui

um grande parque de instalações de produção de tecelagem esvaziadas, do qual uma parte começa a merecer uma valorização patrimonial. Sua paisagem fabril contrasta com a de Lille e sua população ainda testemunha a forte contribuição de mão-de-obra imigrante dos tempos áureos. Num quadro de elevado desemprego, a cidade é um exemplo interessante de tentativa de redinamização urbana, com ênfase na valorização de uma identidade multicultural. A partir de recenseamentos recentes que dão conta de cerca de 100 nacionalidades diferentes, a prefeitura tem apostado na articulação entre estratégias urbanas e políticas culturais, através da conversão de antigas *friches* industriais em equipamentos culturais de vizinhança.

É neste contexto que a “*Condition Publique*” – um conjunto industrial com mais de 8 mil metros quadrados de área construída, antigo local de recondicionamento e controle de lã, matéria-prima para as fábricas locais – foi contemplada com um generoso financiamento para abrigar um centro cultural e se preparar para receber obras. O impacto do espaço se dá ao se entrar numa das alas do complexo, que abrange todo um quarteirão, estruturado ao longo de três largas ruas internas cobertas por clarabóias de vidro, que outrora viam entrar pequenos trens trazendo as pilhas de lã. A amplidão dos espaços é estonteante, a sensação de um eco de vozes me acompanha durante toda a visita, guiada pela coordenadora do projeto cultural. Além da escala fabril, que fazia dele o estruturador de todo o bairro, o conjunto surpreende pelo refinamento dos detalhes, serralherias, e o emprego generoso de vidro clareando antigas salas de administração. As fachadas, por sua vez, foram inscritas no Inventário complementar dos Monumentos Históricos. Minha “viagem” no espaço se altera repentinamente ao descobrir as últimas testemunhas do uso comercial do local, uma pequena empresa de montagem de mesas de ping-pong. Na verdade, o conjunto funcionou como “condicionamento” até 1972 e empregava milhares de moradores do bairro.

Para a transformação do espaço, orçada em 140 bilhões de francos e custeada pela prefeitura, o projeto arquitetônico se baseia na concepção de um lugar de produção multidisciplinar (ateliês, estúdios...) e troca de atividades artísticas, econômicas e cidadãs. Embora tenha possibilitado a “escuta” das demandas dos moradores locais, seu desafio principal será encontrar o modo de se legitimar, ao mesmo tempo atraindo também públicos de outros bairros e atuando em rede com outras *friches*. *Condition Publique* faz parte das *Maisons Folie*, projeto cultural e urbano ambicioso no contexto de medidas para o evento Lille-capital cultural européia 2004. Assim, com financiamentos locais, nacionais e europeus, uma série de edifícios com valor patrimonial, passando por fábricas e fazendas, estão sendo transformados

em equipamentos socioculturais em toda a região metropolitana de Lille e deverão ser entregues ao público e moradores em 2004.

26 DE NOVEMBRO: Friche André Malraux, subúrbio distante de Paris.

Em Mantes-la-Jolie, subúrbio distante de Paris, marcado por várias revoltas sociais e altos índices de violência, conheço sozinha o espaço gerido pela associação *Collectif 12*, num ex-depósito e *show-room* de carpetes, batizado expressivamente de *Friche Andre Malraux*. De fato, a proposta da associação havia caído como uma “luva” para as convicções da prefeitura local, desejosa de incentivar iniciativas socioculturais e face ao desafio de tentar reverter a péssima imagem da cidade. Assim, no espírito democratizador e na crença no papel educador da cultura pregados por André Malraux, precursor das políticas culturais na França do século XX, a cidade, que abriga uma das *cités* (bairros planejados para abrigar programas de habitação social, marcados por torres ou barras repetitivas, a partir da década de 60, que abrigaram grandes levadas de trabalhadores imigrantes) consideradas mais desumanas da França e onde duas torres já foram implodidas na década de 80, um projeto cultural multidisciplinar se instala com a “missão” de possibilitar uma relação positiva e cidadã através da arte e do diálogo com os diversos grupos culturais habitantes. Essa missão está bem integrada nas propostas artísticas que articulam teatro, arte contemporânea e oficinas para a comunidade.

Contando com dois pequenos apartamentos para residência de artistas internacionais, ateliês e 3 salas para cursos comunitários, além de espaço para exposições, a *friche* estava fechando temporariamente para receber obras que devem transformar o antigo galpão num teatro polivalente com camarins e espaço técnico. Os projetos de intercâmbio artístico, no entanto, continuam sempre através de financiamentos combinados entre Organismos públicos e mistos dirigidos à arte, mas provenientes também do que se chama “*Politique de la Ville*”, visando ao desenvolvimento multi-setorial de cidades ou bairros com economia estagnada. Situada em parte no Val Fourré, região intensamente industrial até a década de 80 e aproveitando a presença de rios para transporte de matérias-primas, Mantes-la-Jolie apresenta uma taxa de mais de 40% de desemprego e vários projetos de desenvolvimento social e urbano.

30 NOVEMBRO: Friche la Belle-de-Mai em Marselha

Certamente a *friche* mais famosa da França, já bastante dinâmica, apesar da escala monumental do conjunto na



Fig. 1 Região do Val Fourré em Mantes-la-Jolie, onde destacam-se as torres e barras habitacionais.

cidade, la Belle-de-Mai é um dos mais audaciosos exemplos de reinvestimento cultural do território, cujo diretor foi, durante cinco anos, ninguém menos do que Jean Nouvel. Abrangendo 12 hectares de uma antiga fábrica estatal de tabaco, situados ao longo de uma via férrea, o megaprojeto iniciou sua história a partir do encontro de dois diretores de teatro e um agente cultural da Prefeitura da cidade, que perceberam, no local, um potencial espaço para criação e difusão, no final da década de 1980. Após negociações com a proprietária do complexo (SEITA), em 1990, a primeira peça de teatro foi apresentada num dos três *ilôts* (grandes edifícios que originalmente serviam a fases diferentes da cadeia de produção de cigarros), situado no bairro Belle-de-Mai, conhecido por altas taxas de desemprego e mais de 700 hectares de *friches*. A partir de 1992, forma-se o *Système Friche Théâtre* (SFT), que passa a ser o organismo-base que gera todos os outros projetos a serem instalados no complexo. Com uma dimensão territorial imensa, a viabilidade da reconquista do espaço encontrou seu rumo quando do lançamento oficial, em 1996, de “Um projeto cultural para um projeto urbano”, em que a cultura é assumida como uma alavanca de desenvolvimento econômico para o bairro, além de relançar a cidade como um pólo alternativo de arte no país. A fim de viabilizar a transformação da área, ao mesmo tempo assegurando a vocação artística do complexo, três componentes passarão a ocupar os três *ilôts*, constituindo os principais pólos. O primeiro destina-se à cultura viva e abriga a “célula-mãe”. É o Sistema *Friche* Teatro (SFT), com os artistas e os produtores artísticos de toda a *Friche*. O segundo destina-se ao setor econômico,

com o desenvolvimento de uma incubadora de empresas, consagrada às indústrias culturais do audiovisual e de multimídia. O terceiro, já quase todo reformado, destina-se a setores patrimoniais, com a instalação do Centro Inter-regional de Conservação e Restauração do Patrimônio (CICRP), dos Arquivos da Cidade de Marselha, além das Reservas dos Museus de Marselha.

O primeiro *ilôt*, setor mais diretamente artístico, abriga mais de 60 estruturas representativas de todas as disciplinas artísticas e culturais, oferecendo estúdios, salas de ensaio de dança, teatro, criação multimídia, além de espaços de exposição e shows.

Só para dar uma idéia da importância social da iniciativa, o STF gera 400 empregos e acolhe 900 artistas anualmente, além de 90.000 visitas ao pólo. A *Friche*, atualmente, é financiada por dezenas de investidores privados e públicos, mas a continuação do projeto e as tendências de sua existência ainda são nebulosas.

Impressões gerais

Os espaços que descobri são fruto, em sua maior parte, de iniciativas locais à margem da política cultural nacional oficial. No entanto, fatores de ordem urbanísticos vêm lhes conferindo um papel preponderante no que vem sendo chamado, a partir da década de 90, de *aménagement culturel du territoire*. Essa tendência recoloca na ordem do dia uma distribuição mais equitativa de espaços culturais nas diferentes regiões da França, não sem desencadear uma nova onda de institucionalização daquilo que nasceu espontaneamente. Uma política cultural urbana democrática passa por uma imprescindível colaboração multidisciplinar – a “transversalidade” no jargão francês em voga – face aos desafios complexos das cidades contemporâneas, territórios cada vez mais multiculturais.

Paradoxos e desafios à parte, o certo é que, “alternativos” ou “intermediários”, esses espaços exigem não só a incorporação do “cultural” no planejamento urbano, mas são eles próprios resultado da prática de pessoas imbuídas por uma “cultura do urbano”, entendida aqui como um engajamento consciente e propositivo no seu espaço cotidiano.

Notas

¹ Esse Ministério havia recebido, em junho de 2001, um relatório intitulado “*Friches, laboratoires, fabriques, squats, projets pluridisciplinaires...: une nouvelle époque de l'action culturelle*”, que repertoriava 31 experiências em toda a França, assim como apontava direções para um apoio mais sistemático por parte da política pública de cultura. Conhecido como “rapport Lextraît”, o estudo incentivou a criação de uma célula especial, no âmbito da Delegação para o Desenvolvimento e para Ação Territorial, para acompanhamento desses espaços.